

ARTE E RESISTÊNCIA CULTURAL: UMA VIAGEM EXPLORATÓRIA PELA HISTÓRIA DOS POVOS GUARANIS NA REGIÃO DOS SETE POVOS DAS MISSÕES – RIO GRANDE DO SUL

Antonio Cavalcante de Almeida

Sociólogo, Ms. em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Professor da Faculdade de Pato Branco – FADEP. antoniocavalcant@hotmail.com

Resumo - O presente artigo é uma reflexão sobre a resistência cultural e política dos povos guarani ao processo de colonização por parte do europeu na região dos Sete Povos das Missões na região sul do Brasil. Nesse sentido, procurou-se compreender a história de resistência cultural e política dos povos originários e a situação atual deles na região missioneira. Isto é, embora o enfrentamento aberto com o colonizador tenha passado quatro séculos, contudo, ficou registrado no cotidiano dos povos remanescentes às marcas do genocídio. Para investigar a questão, a pesquisa pautou-se pela análise exploratória dos dados. Nesse sentido, revelou-se a existência de uma história viva que precisa ser conhecida pelo povo brasileiro. Aliado a isto, ver de perto como os guarani procura conservar a história (língua, religião, educação, crenças etc.) dos seus antepassados.

Palavras-Chave: Resistência. Religião. Identidade Cultural.

ARTE E RESISTÊNCIA CULTURAL: UMA VIAGEM EXPLORATÓRIA PELA HISTÓRIA DOS POVOS GUARANIS NA REGIÃO DE SETE POVOS DAS MISSÕES – RIO GRANDE DO SUL

1. INTRODUÇÃO

A viagem de estudo às Missões Jesuíticas de São Miguel Arcanjo - RS tem uma importância fundamental, quer seja, em conhecer e refletir sobre a história de resistência social dos povos indígenas que habitavam os territórios fronteiriços de países como Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Os guaranis circulam por esses quatro países e convivem diretamente com a cultura do homem branco, porém, sem perder suas raízes. Vale ressaltar, que o povo guarani conserva seus traços culturais de forma muito especial (na economia, na arte, na medicina, nas cestarias, nos rituais, na dança e na religião) demonstrando uma singular resistência política e cultural. Isto não significa fechamento para o diálogo com a cultura ocidental. Aliás, esta não se permitiu o suficiente a aprender a simplicidade da vida com os povos indígenas. Estes têm muito a nos ensinar no que diz respeito aos ensinamentos sobre natureza e vida.

A visita às Missões Jesuíticas de São Miguel Arcanjo - RS justifica-se, quando se faz a ligação do processo de aprender a aprender com as experiências observadas no local. Por isso, a disciplina de Antropologia nos cursos de graduação da Faculdade de Pato Branco – Fadep, em sintonia com a questão da cultura regional e latino-americana possibilitou que os discentes de Psicologia e Nutrição conhecessem e discutissem a realidade histórica social dos povos missioneiros.

Para tanto, esta atividade procurou estabelecer vínculos entre teoria e prática. Por isso, as observações se detiveram e enfocaram as seguintes temáticas:

1. História social e política dos povos missioneiros.
2. Resistência social e violência simbólica.
3. Economia e desenvolvimento regional sustentável.
4. Saúde e Meio Ambiente.

5. História da alimentação (gastronomia).

Aliado a estas questões a cima e para efeito de sistematização, o trabalho apresenta como objetivo geral: Conhecer a resistência cultural dos Guarani através das experiências que ficaram na história (arte, religião, gastronomia). Específicos: Compreender os aspectos de resistência dos povos guaranis à colonização. Identificar algumas manifestações socioculturais de resistência social e a inserção na sociedade atual.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada para nortear a vagem de campo se pautou pela pesquisa exploratória dos dados. O estudo procurou focar o universo histórico dos significados do povo Guarani através de um olhar crítico e reflexivo sobre a história, as crenças, valores e atitudes dos povos missionários. Minayo (1999), nos ensina que em pesquisa de campo devemos estar preparados para a infinidade de significados que poderá se manifestar. Para isso, enfatiza que a natureza de tal investigação ajuda a construir espaço mais profundo das relações e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Melhor dizendo, significados que não podem ser quantificáveis.

Para a organização das informações e operacionalização dos trabalhos acadêmicos, a pesquisa se utilizou duas técnicas de coleta dos dados: anotações de campo e registros audiovisuais (fotos, filmes etc.).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história do povo Guarani está cravada nas principais ruínas e na arquitetura das igrejas que ainda restam do período da colonização portuguesa e espanhola no sul do Brasil. A região do extremo sul mais conhecida por Sete Povos das Missões, a saber, São Miguel Arcanjo, São Luiz Gonzaga, Santo Lourenço Mártir, São João Batista, São Borja, São Nicolau e Santo Ângelo foram cenários de uma empreitada evangelizadora por parte da

igreja católica. Com o objetivo de cristianizar os índios guaranis e assegurar os domínios espanhóis na bacia dos rios Paraná e Uruguai, os padres da Companhia de Jesus utilizaram uma eficiente estratégia: as chamadas Reduções jesuíticas. Nesse sentido, agruparam os índios, que viviam dispersos em pequenos aglomerados na selva, para facilitar a catequização e a defesa contra os ataques dos escravagistas coloniais – tanto espanhóis quanto portugueses. Assim começaram a surgir verdadeiras cidades, em território hoje pertencente ao Paraguai, Argentina, Brasil e Uruguai, formando a República Guarani. Esta “República”, embora submetida à Coroa Espanhola, gozava de uma relativa autonomia administrativa e econômica, prosperando por quase 200 anos.

Pode-se dizer que, a colonização dos povos indígenas da região missioneira desencadeou grandes mudanças nos hábitos e nas crenças dos povos nativos quando não os exterminou por completo. Os índios foram submetidos a um regime de extrema exploração e servidão desumana, não bastasse à imposição religiosa da igreja católica.

O povo indígena tinha sua própria cultura e religião, de modo que não necessitava dos deuses e dos rituais do império religioso da Península Ibérica (Espanha e Portugal). Nesse sentido, a nação tupi-guarani teve que se render através de conflitos à fúria e à ganância do homem dito civilizado. O significado do enfrentamento entre nativos e invasores foi de muitos mortos (genocídio) e de transformação do mundo sociocultural e de equilíbrio dos povos indígenas.

Os primeiros viajantes do século XVIII descreviam o estado de opressão em que eram submetidos os autóctones na América e relatavam o regime de dureza imposto pelos colonizadores aos povos indígenas. Laplantine (1998) comenta que um dos críticos ferrenhos da Coroa portuguesa e espanhola naquela época foi um viajante chamado Bartolomeu de Las Casas, que, em passagem pela região procurou denunciar a barbárie cometida pelo colonizador europeu.

Las Casas citado em Laplantine (1998, p. 18-9) dizia:

Aqueles que pretendem que os índios são bárbaros, responderemos que essas pessoas têm aldeias, vilas, cidades, reis, senhores e uma política que, em alguns reinos, é melhor que a nossa. [...] Esses povos igualavam ou até superavam muitas nações e uma ordem política que, em alguns reinos, é melhor que a nossa. [...] Esses povos igualavam ou até superavam muitas nações do mundo conhecidas como policiadas e razoáveis, e não eram inferiores a nenhuma delas. Assim, igualavam-se aos gregos e os romanos, e até, em alguns de seus costumes, os superavam. Eles superavam também a Inglaterra, a França, e algumas de nossas regiões da Espanha. [...] Pois a maioria dessas nações do mundo, senão todas, foram muito mais pervertidas, irracionais e depravadas, e deram mostra de muito menos prudência e sagacidade em sua forma de se governarem e exercerem as virtudes morais. Nós mesmos fomos piores, no tempo de nossos ancestrais e sobre toda a extensão de nossa Espanha, pela barbárie de nosso modo de vida e pela depravação de nossos costumes.

Entretanto, os relatos dos primeiros viajantes sobre a América indígena não eram documentos confiáveis e nem favoráveis aos povos originários. Pelo contrário, os depoimentos dos observadores da época eram seguramente baseados em teses racistas e deterministas, portanto, a favor da cultura dominante do homem branco. A própria ciência da época não dispunha de bases científicas sólidas para estudar e explicar algo que fosse estranho ao ambiente acadêmico ocidental.

Com efeito, a primeira impressão e olhar dos estudiosos em contato com os nativos eram profundamente eurocêntrico e baseada no determinismo sociocultural e geográfico. O filósofo alemão Friedrich Hegel em sua obra máxima, *Filosofia da História em 1837*, demonstra sua profunda ignorância e horror que ele ressentia frente ao estado de natureza dos selvagens, portanto, dizia com todas as letras que: “[...] eram povos que jamais ascenderão à história e à consciência de si”. (LAPLANTINE, 2000, p. 35).

Dentro desse contexto e das transformações em percurso daquele tempo até a atualidade, pode-se dizer que existe uma grande lacuna em termos de conhecer nossa própria história *in*

loco. Isto é, observá-la de uma maneira diferente para reescrever uma nova história.

A universidade brasileira e latino-americana tem o dever de conhecer a história correta desses povos. Não os comentários e relatos *en passant* daqueles que detinham a pretensa idéia de “verdade” a seu favor.

Portanto, a reflexão crítica e a correção da história serão de grande relevância para sobrevivência dos povos indígenas no continente americano, notadamente, no Brasil, onde se estima atualmente que:

[...] Vivem cerca de 345 mil índios, distribuídos entre 215 sociedades indígenas, que perfazem cerca de 0,2% da população brasileira. Cabe esclarecer que este dado populacional considera tão-somente aqueles indígenas que vivem em aldeias, havendo estimativas de que, além destes, há entre 100 e 190 mil vivendo fora das terras indígenas, inclusive em áreas urbanas. Há também indícios da existência de mais ou menos 53 grupos ainda não-contatados, além de existirem grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista. (www.funai.gov.br, 2004.).

Por isso, estudar e sentir os espaços em que ocorreram os genocídios das comunidades indígenas é, sem dúvida, conhecer e aprender a fazer uma outra diferente. Como e de que forma? A partir do exercício da teoria em sala e da sua aplicação em forma de *práxis* e de combate intelectual. (BOURDIEU, 2004). Tal empreendimento é um processo desafiador e provocativo para qualquer investigador social ou acadêmico. Para responder às perguntas muito costumeiras no meio acadêmico do tipo: Para que serve a teoria radical se eu não consigo pô-la em prática? Para que serve uma teoria bonita se ela está descolada da minha realidade? São para estas e outras interrogações acadêmicas que esta pesquisa de campo procurou pautar o debate.

Nesse sentido, far-se-á menção a coleta das informações de campo. Para isso, recorreremos às anotações e falas coletadas no local. Como bem lembra o antropólogo francês François Laplantine (1999, p. 151), nos ensina que: “[...] a prática

antropológica só pode se dar com uma descoberta etnográfica, isto é, com uma experiência que comporta uma parte de aventura pessoal”. É desse modo, que os profissionais que fizeram parte desse audacioso projeto procuraram compreender o exercício da pesquisa científica.

No que diz respeito à resistência cultural dos povos que viveram nas reduções, observa-se que a história do povo Guarani foi muito importante para formação da matriz básica dos povos sulinos. A raiz da cultura indígena está bem presente na região, principalmente, no sujeito mestiço. (RIBEIRO, 2005).

Em se tratando da questão da questão religiosa e da arte guaranítica, observa-se vários significados importantíssimos que sobreviveram ao tempo e certamente ficarão para história. No local, é possível observar o quanto o cacique Sepé Tiarajú, símbolo da resistência e de luta guaranítica frente aos colonizadores no século XVII, ainda é reverenciado pela população local. Ele é um ícone de luta e de resistência dos povos originários.

Para ilustrar a passagem acima, toma-se uma declaração importante de um depoente local: “[...] Dentro da cultura Guarani, o cacique era escolhido geralmente entre os mais sábios e os que mais conservava os costumes, portanto, os mais velhos”. Realmente, não é a realidade de hoje das aldeias em geral, já que, existem uma grande dificuldade de encontrar lideranças com perfil ativista.

A história da gastronomia dos povos indígenas não se diferencia de uma aldeia para outra. Geralmente, a produção era de subsistência e atendia somente a população local. Não existia dentro das reduções ameríndias complexidade alimentar, pois, o cultivo se resumia praticamente a plantação de mandioca, milho, batata entre outros. Ainda, podem-se verificar as mesmas atividades gastronômicas, no entanto, ocorreu modificação nas práticas de lidar e de se fazer e obter a colheita.

Com relação à arte e arquitetura, pode-se dizer que não houve notadamente uma imposição por parte da cultura jesuítica e européia nos traçados arquitetônicos das reduções. O projeto da Companhia de Jesus era catequizar milhões de índios através

de mensagens bíblicas, arte e da imponência das construções das igrejas.

Todo esse processo de catequização provocou o que o antropólogo Darcy Ribeiro (2005) chama de genocídio dos povos originários. Conforme o autor, o programa civilizador de Nóbrega e aplicado a ferro e fogo por Mem de Sá levou o desespero e a destruição de cerca de trezentas aldeias indígenas na costa brasileira no século XVI.

A questão da cultura e da identidade indígena foi assunto de muitos estudiosos do mundo afora, principalmente, dos grandes sertanistas e antropólogos. Desta forma, Ribeiro no livro, *O povo brasileiro* 2005, descreve o cenário em que vivia a população ameríndia. Segundo o autor:

A costa atlântica, ao longo dos milênios, foi percorrida e ocupada por inumeráveis povos indígenas. Disputando os melhores nichos ecológicos, eles se alojavam, desalojavam e realojavam, incessantemente. Nos últimos séculos, porém, índios de fala tupi, bons guerreiros, se instalaram, dominadores, na imensidade da área, tanto à beira-mar, ao longo de toda a costa atlântica e pelo Amazonas acima, como subindo pelos rios principais, como o Paraguai, o Guaporé, o Tapajós, até suas nascentes. (RIBEIRO, 1995, p. 29).

No plano étnico-cultural, essa transfiguração se dá pela gestação de uma etnia nova, que foi unificando, na língua e nos costumes, os índios desengajados de seu viver gentílico, os negros trazidos da África, e os europeus aqui querenciados. Era o brasileiro que surgia, construído com os tijolos dessas matrizes à medida que elas iam sendo desfeitas. (RIBEIRO, 1995).

Observou-se na fala de um morador a seguinte questão: “[...] os povos indígenas, ou herdeiros, estão presente ainda aqui. Todos os dias eles estão dentro do santuário arqueológico vendo seus artesanatos e demonstrando sua resistência social”. Com certeza, o antropólogo tem razão quando afirma que o índio de hoje no sul se mesclou com outras raças, no caso, a branca e com africana.

Ribeiro (2005) chama atenção às únicas exceções são algumas microetnias tribais que sobreviveram como ilhas,

cercadas pela população brasileira. Ou que, vivendo para além das fronteiras da civilização, conservam sua identidade étnica. São tão pequenas, porém, que qualquer que seja seu destino, já não podem afetar à macroetnia em que estão contidas.

Em se tratando das manifestações culturais e as transformações ocorridas no decorrer do tempo, pode-se observar na arquitetura local o estilo barroco renascentista. As estatuas de diversos santos adorados pelos jesuítas e impostos aos índios. Estas peças eram feitas pelos índios e pode ser visto no museu missioneiro criado pelo governo federal em 1940. Hoje em dia, na região missioneira é possível ver os guarani tentando resgatar e conservar as heranças do passado, mas, bem reelaboradas. No santuário arqueológico é um local de concentração deles e ali vendem seu artesanato e recebem doações. A situação é muito precária e chocante, pois, tudo aquilo eram terras deles que hoje somente existem na memória.

4. CONCLUSÕES

A região missioneira é um museu aberto e com uma história riquíssima da herança dos povos Guarani, que fizeram da região o espaço de vivência e de resistência ao invasor europeu. O local foi um dos maiores campo de batalha entre a população originária e os colonizadores portugueses e espanhóis.

A resistência indígena durou muito tempo, já que, os núcleos indígenas eram bem organizados. Sepé Tiaraju, líder máximo conseguiu lutar até a morte, assim, se tornando um marco histórico e um símbolo de resistência indígena.

A região de sete Povos das Missões, assim como é conhecida, passou a ser um local místico e muito visitado pela população em geral à procura de conhecer a verdadeira história brasileira. Uns dos locais da batalha, São Miguel Arcanjo, conserva maior parte da construção arquitetônica da época, portanto, é possível observar interagir com os índios guaranis tanto no santuário, bem como na aldeia Guarani que fica cerca de trinta quilômetros do sítio arqueológico.

Diante do contexto sociocultural, percebe-se que os índios atuais procuram conservar a herança deixada pelos seus ancestrais tanto pode ser observado na língua materna (todos falam guarani), bem como na religião e artesanato.

Em relação à gastronomia regional, observa-se a continuidade de algumas coisas que os antigos habitantes faziam, por exemplo, a plantação do milho, mandioca, batata doce e outros. No geral, o cultivo tem como característica atender as necessidades das famílias aldeãs.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- HEGEL, F. **Filosofia da história**. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 1999.
- LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- MINAYO. M. C. de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 12. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BRASIL. **Fundação Nacional do Índio**, Brasília. Disponível em: <http://www.funai.gov.br>>. Acesso em 3 abril 2006.